

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

13 abr 2017 | O Globo | MAURO OSORIO, MARIA HELENA VERSIANI E PAULO CÉSAR DOS REIS

Marco de poder no Estado do Rio de Janeiro

Também influenciou para a decadência socioeconômica do Estado do Rio a carência de reflexão regional, sempre preterida no Rio em relação ao debate nacional

Recentemente, um ex-conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro fez delação premiada. Com base nisso, cinco dos sete conselheiros estão afastados, sob investigação. Existe história que explique isso? A cidade do Rio foi particularmente atingida pelos processos de cassações realizados pelos governos militares. Em primeiro lugar, porque o debate nacional ocorria hegemonicamente no Rio. A esquerda e o trabalhismo tinham força na cidade e foram perseguidos e cassados. Oito dos dez deputados eleitos pelo PTB da Guanabara, em 1962, foram cassados.

Após o cancelamento das eleições presidenciais de 1965, Carlos Lacerda, principal liderança civil de apoio ao golpe, rompeu com o regime. Assim, ele e seus seguidores da UDN que foram para a Frente Ampla — movimento pela redemocratização constituído, em 1966, com Juscelino Kubitschek e João Goulart — também foram cassados.

Isto criou um vazio político, ocupado pelo então deputado federal pela Guanabara Chagas Freitas, que, com a extinção dos partidos políticos pelo Ato Institucional número 2, de 1965, e criação do bipartidarismo no país (MDB e Arena), ingressou no MDB e constituiu forte hegemonia na política carioca. Quando da fusão em 1975, Chagas estendeu sua hegemonia a todo o Estado do Rio de Janeiro.

O MDB, que no restante do país progressivamente constituiu-se como espaço de resistência ao regime autoritário, no Rio ficou sob o jugo de Chagas Freitas, que exercia uma política clientelista e desestruturante do setor público, com total apoio dos militares, estabelecendo na região um particular marco de poder ou marco institucional, na conceituação do economista Prêmio Nobel Douglass North.

Constituiu-se um tipo de hegemonia, derrotada por Brizola nas eleições de 1982, mas que rearticula-se através da Alerj, seja elegendo governadores seja tornando-os prisioneiros dessa lógica no correr do processo.

Este fato, juntamente com a mudança da capital para Brasília, em 1960 — que era importante fator de dinamização socioeconômica não só da cidade do Rio mas, também, do conjunto da metrópole e do interior fluminense — gerou um processo de decadência socioeconômica na região. Evidência é o fato de que o território fluminense, entre 1970 e 2014, foi o lanterna em termos de crescimento econômico, entre as 27 unidades federativas do país (PIB/IBGE).

Também influenciou para a decadência socioeconômica do Estado do Rio de Janeiro a carência de reflexão regional, sempre preterida no Rio em relação ao debate nacional e internacional, na academia e na sociedade. Nessa direção, nenhum programa de mestrado e doutorado em economia na Região Metropolitana do Rio de Janeiro possui atualmente linhas de pesquisa permanentes em economia regional ou fluminense, ao contrário do que ocorre, por exemplo, em estados como São Paulo e Minas Gerais.

Isto contribuiu para o não entendimento da institucionalização de um marco de poder específico em nossa região, que deixa legados até os dias atuais.

Mauro Osorio, Maria Helena Versiani e Paulo César dos Reis são integrantes do Observatório de Estudos sobre o Rio de Janeiro, vinculado à FND/UFRJ

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)